

O IMAGINÁRIO AFRO-BRASILEIRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Miguel Vergara¹
Kaliane F. Nóbrega²



[1] Professor, Sociólogo e Antropólogo da Universidade Estadual Santa Cruz, membro do Núcleo de Estudos Afro-baianos Regionais – Kàwé. E-mail: mikevergara@hotmail.com.

[2] Profa. Dra. em Antropologia e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário - Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: katianenobrega@yahoo.com.br.

Após séculos de pressões históricas e sociais, o brasileiro traz em sua consciência um passado amplo de imaginários diferentes impostos pela cultura europeia ao “ocidente”, que foram e ainda são motivados pela imposição de um modelo de vida em que predominam os estereótipos e a domesticação religiosa próprios de um espírito colonizador.

Foi este espírito colonizador um dos responsáveis pela criação e divulgação da escola como espaço homogêneo, vale dizer de homogeneização da cultura branca, resultado das inúmeras tentativas de anulação e inferiorização das diferenças culturais e religiosas.

Nesse contexto, a aplicação e o uso da tradição cultural daqueles que se identificam como afro-descendentes no processo de aprendizagem escolar, especialmente na educação básica, nos permite perceber o quanto essa história de opressão e homoge-

neização cultural pode ser mudada. Vejamos: o resgate e a possibilidade de se trabalhar, em sala de aula, o sentido da vida na cultura afro-brasileira podem proporcionar às nossas crianças na escola, sobretudo se trabalhado desde os anos iniciais, alternativas para a construção e o entendimento da diferença; fundamentalmente, podem proporcionar-lhes uma maior abertura ao múltiplo, ao plural e ao adverso.

O fato de a educação brasileira incluir, por meio da Lei nº. 10.639/2003, a disciplina His-

tória e Cultura Afro-brasileira e o tema transversal da Pluralidade Cultural no currículo escolar representam uma autocrítica ao modelo de educação vigente, em que prevalece a dimensão ideológica de um olhar único e autoritário, etnocêntrico, ou melhor, eurocêntrico, que dificulta os estímulos de uma formação humanizadora e autônoma e que compreende a tradição cultural africana como algo exótico ou folclórico.

Para mudarmos esse quadro e obtermos sucesso na implemen-

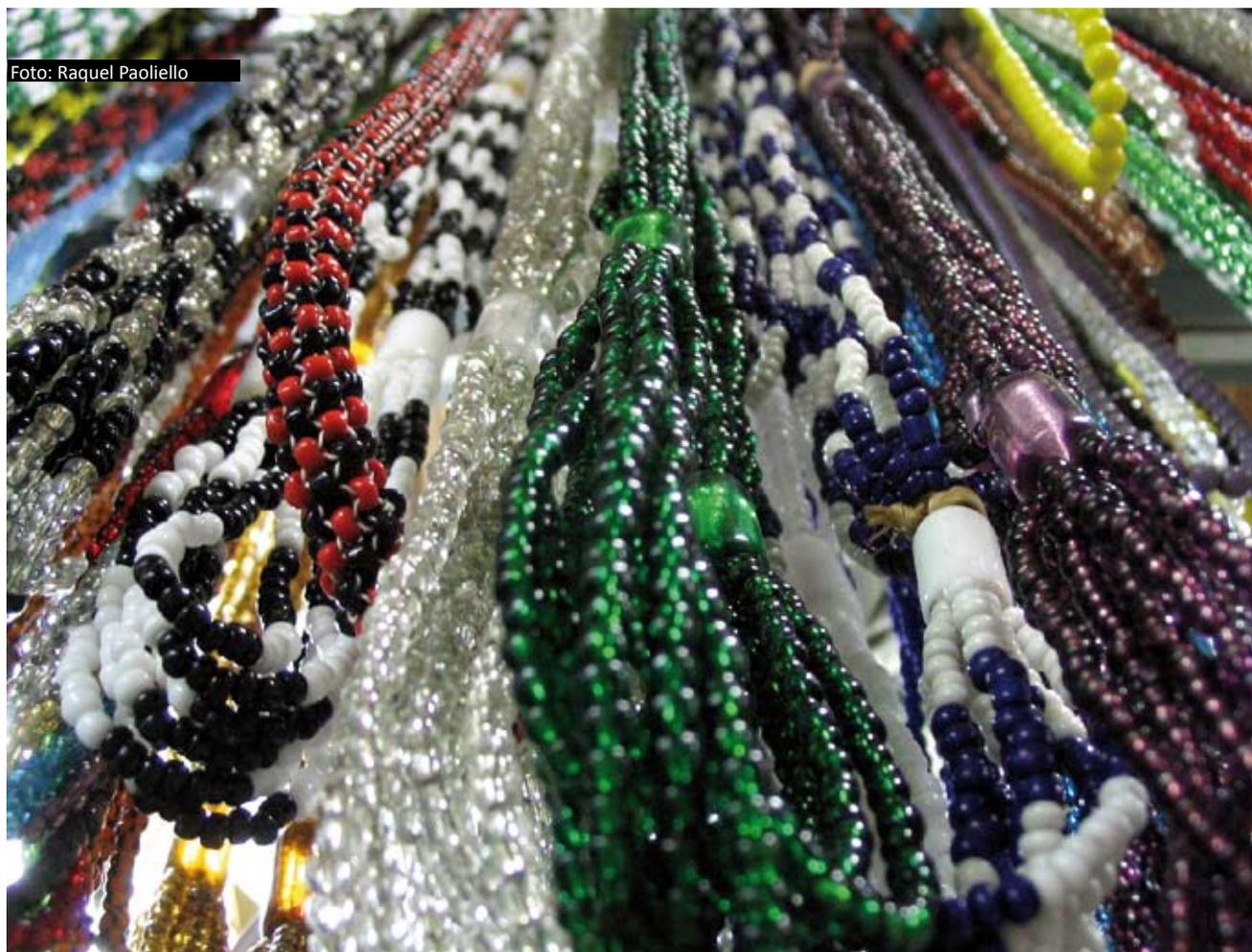


Foto: Raquel Paoliello



tação dessa nova Lei, devemos buscar estabelecer um diálogo com as diversas culturas africanas já conhecidas e presentes na consciência de boa parte dos brasileiros. Devemos colocar em discussão questões relativas à autonomia, ao poder e à riqueza de criação e imaginação dos afro-descendentes. Devemos mais; temos a obrigação de colocar em pauta seus sistemas de crenças e de vida coletiva encarnada nos modos de ser de suas divindades, ancestralidades e seres encantados. Isto implica em afirmar que o “ato dialógico” com as culturas de matriz africana tem, necessariamente, que levar em conta o mundo (a vida, a cultura, as imagens) da pessoa com quem se dialoga.

Em meio aos brasileiros, de-

tentores de uma cultura de matriz africana, encontram-se o povo de santo do candomblé, do tambor-de-mina, do xangô pernambucano e as comunidades quilombolas que trazem, para a sociedade, um saber valioso que apregoa o respeito à liberdade religiosa, aos direitos humanos e mantêm uma relação de respeito com a natureza. E são justamente essas qualidades que devem ser destacadas e incorporadas juntamente com as imagens na Educação Básica.

A necessidade de mudar ações educativas para intervir no processo de formação da criança é prioritária há muitos anos. Porém, nos leva às seguintes questões: como podemos estimular uma didática dos saberes da criança encarnada no fenômeno da convi-

vência com as tradições culturais afro-descendentes presentes em tantas ações culturais, religiosas e na sabedoria das coisas significativas do povo brasileiro? Sabendo que o cotidiano escolar da criança brasileira é revelador de contradições, advindas das formas pelas quais se reproduz a homogeneidade dos modos de ser ocidental, então, como enfrentar a vida num país racista? Defendemos que as imagens das diferentes tradições culturais, dependendo das formas, figuras e cores que forem utilizadas, podem, inseridas numa proposta pedagógica que prime pela dimensão do sensível, fazer muito a esse respeito.

A escola, via uma leitura adequada das imagens, pode ir ao encontro de forças afetivas das

sociabilidades humanas e divinas que regem os sistemas de crença e o cotidiano das comunidades afro-descendentes. Notem que, além de nos falar da mestiçagem brasileira, as imagens dos afro-descendentes dotadas de ancestralidades e aspectos mitológicos transcendem a dimensão biológica de uma sociedade caracterizada pela pluralidade étnica. Além disso, as imagens nos dão a exata dimensão de um mundo “carnavalizado” (M. Bahktin), de um mundo em infinitas dimensões, em que não há espaço para uma só voz, mas para múltiplas vozes – vozes estas que nos permitem ir além da pura e simples consciência. Portanto, essas imagens constituem um *corpus* de dados imensamente complexo e rico em informações. Agora, compete ao educador identificar como essas imagens podem ser utilizadas de modo positivo para a formação de crianças mais toleráveis às diferenças e conscientes dos processos históricos.

Temos que rever os livros didáticos, temos que rever, avaliar e mudar, nos currículos de ensino, os conteúdos programáticos condicionados e submetidos às tradições hegemônicas que, em princípio, só parecem reforçar o discurso da superioridade da cultura

A cultura vista como atitude política e pensada numa perspectiva de diferenças culturais presentes nas escolas precisa ser repensada.

ra européia. Mas onde estão estas imagens? As imagens que podem contribuir para uma melhor ação pedagógica estão nos filmes, nas músicas, nos desenhos, nos livros, nos contos e nas poesias.

Mas o leitor pode ainda estar se questionando: Por que as imagens? Porque elas estão impregnadas de sentidos e significados que revelam sentimentos e emoções veladas. Além disso, o uso das imagens em sala de aula potencializa o lúdico e toda e qualquer criatividade da criança. Os espaços marcados pelo entrelaçamento de distintas expressões culturais, a interculturalidade, enquanto construção teórica e prática, conjugam possibilidades de se pensar a própria ação pedagógica. As imagens nos permitem trabalhar para uma saúde emocional, social e étnica.

E a disseminação dos conhecimentos deste tema étnico-racial deve nos fazer buscar uma melhor compreensão do racismo, do preconceito e da discriminação que ainda operam na Educação Básica deste país.

A cultura vista como atitude política e pensada numa perspectiva de diferenças culturais presentes nas escolas precisa ser repensada. A imaginação e o imaginário são recursos didáticos sem limites, que estão à nossa disposição e que, num país tão dividido pela desigualdade social e por uma cultura dominante esquizofrênica do diferente, podem nos presentear com uma experiência ou vivência legítima de diálogo com o “outro”.